

AS CAMISOLAS AZUIS DE UM DELIRANTE OFICIO

Venus Brasileira Couy

Estou aqui neste quarto úmido e faz tanto frio. Estou só: compartimentada aqui e não aparece ninguém, para me acalmar, para me socorrer. Neste cubículo, estou apertada, comprimida. Penso na minha intimidade, úmida e pegajosa, grudando. Preciso me despregar, me descolar. Eu, um algodão-doce, grudento, colando, no meu rosto, na minha boca? Preciso ingerir açúcar. Dizem que faz mal, não me importo. Quero me adocicar. Áspera e sem doce, me provo. Não tenho gosto de nada, insípida e inodora. Paladar nulo: grau zero de sabor. Em vez de sangue nas veias, queria mel licorilando as minhas tristuras. Desejo ser regada a mel, silvestre e eucalipto. As minhas palavras são peles, vou descascando-as, uma a uma, como cebolas. Compartimento essas íntimas, ínfimas réstias. Enfeitiçada pelas palavras, descobri a porção secreta do mágico Merlin, e, não conto o seu segredo a ninguém. A minha escrita é o presente maior que hoje poderia me dar. O dia apareceu chuvoso e nublado, entristeci. Mesmo com esse mal tempo, meço-me. Tenho horror de trovões, assusto-me. Tonta, tenho compulsão de escrever. Condenei-me? Sensação incômoda e atraente que me suga, me retêm. Não sei como vim pra cá. Mas é aqui que estou, transparente, água-viva sem artificialismos. Sonâmbula, não me movo.

Fico estática, visto camisolas azuis. Não quero buscar o meu tempo perdido, a minha arqueologia. Sofro de amnésia e Proust me cansa. Por isso, venho para cá. Nesse quarto, ando na velocidade da luz, penso em Nietzsche e no meu horóscopo da semana. Sinto o ar, a minha respiração estoura, explode o tique-taque dos relógios. Sou uma bolha de sabão, frágil e demente, que vive pouco.